

No início de *Espéces d'espaces*, um de seus livros mais famosos, Georges Perec apresenta assim seu objeto: "O espaço de nossa vida não é nem contínuo, nem infinito, nem homogêneo, nem isótropo. Mas, nós sabemos precisamente onde ele se rompe, onde ele se curva, onde ele se desconecta e onde ele se recolhe? Nós, raramente, procuramos saber mais e frequentemente nós passamos de um espaço ao outro sem considerar a complexidade de suas medidas, sem levá-los a sério, sem levar em conta esses lapsos de espaço."

E ele anuncia que "Espécies de espaços" será, em reação a este desconhecimento, um "Jornal de um usuário do espaço", uma tentativa de ler o espaço cotidiano, aquele da vida ordinária. Esse cotidiano que Perec sublinha, aparentemente evidente, dissimula de fato "uma forma de opacidade" e ele nota que ele anestesia a capacidade de compreender aquilo do qual ele se constitui.

O presente livro encontra sua origem nesse constatação de Georges Perec. Nossa existência, a cada instante e de lado a lado, é inteiramente espacial. Ela se compõe no dia a dia de frações de espaço que nós organizamos para alcançar nossos fins, ela impõe que nós agenciemos esses diferentes espaços de vida uns em relação aos outros, que nós os ajustemos em nossas ações práticas. E, entretanto, esses espaços múltiplos, que nos parecem evidentes, se verificam impensados. Eles constituem um ponto cego de nossos discursos e de nossos conhecimentos. Nós os analisamos precariamente, nós nos contentamos frequentemente de privilegiar uma abordagem descritiva, ou de propor engenharias espaciais, aquelas do planejamento, do urbanismo, da promoção imobiliária, do comércio, do turismo, etc, todas utilitárias e positivistas.

Assim, embora a vida humana consista sempre em habitar o espaço, embora o vivido dos indivíduos seja sempre fundado sobre uma experiência espacial, o espaço das sociedades restam silenciosos. Enquanto o espaço é uma dúvida, seu estudo metódico não é considerado como particularmente importante pelas ciências humanas e sociais que o reduzem frequentemente a uma simples superfície de projeção dos fenômenos sociais. Somente a antropologia o considera, porém se focalizando sobre uma única escala, aquela do espaço doméstico, o que, veremos, não é suficiente.

¹ Trad. de trabalho de J. Oliva de Michel Lussault. *L' Homme Spatial* - La construction sociale de l'espace humain, in introduction.

O percurso que vou propor ao leitor será inteiramente outro; se trata para mim, a partir de numerosos exemplos variados, de mostrar que é impossível de pensar as sociedades sem levar em conta sua dimensão espacial. Isso me levará a apresentar ao mesmo tempo as características dos espaços das sociedades e as modalidades de seu uso pelos atores sociais. Assim, tentando modestamente prolongar as intuições de Perec e de seu jornal espacial, eu me proponho de expor os modos de empregar e de usar o espaço humano. (...)

Eu quis realizar um ensaio destinado a aportar alguns elementos probatórios suscetíveis de sustentar duas hipóteses plenas de consequências - políticas, notadamente: em primeiro lugar, o homem é "um animal espacial" e as sociedades são tramas complexas de espacialidades. Em seguida, enquanto que Michel Serres e vários outros autores sublinham que nós vivemos uma etapa de mutação social comparável, em termos de similitude, à passagem do paleolítico ao neolítico, eu penso que essa mutação pode ser melhor apreendida graças ao desvio do olhar para a dimensão espacial. Com efeito, as características mesmas da sociedade mundializada, que se constrói sob nossos olhos, são eminentemente espaciais: mobilidade, inflação telecomunicacional, mudança dos regimes de proximidade, coespacialidade, constituição de hábitos politopicos (quer dizer, o aumento do número de pessoas habitando de maneira permanente vários lugares), urbanização generalizada, aparição de grandes comutadores espaciais, como os aeroportos, especialização funcional dos espaços em torno de algumas figuras como o parque de lazer (temático), o centro comercial, a segregação social crescente, crescimento de identidades fortemente territorializadas, multiplicação de conflitos relacionados às intervenções do planejamento, progresso dos cuidados ambientais, etc. Todos esses sintomas da constituição do mundo contemporâneo são espaciais. Enquanto a modernidade ocidental levava a insistir, sobretudo, no controle do tempo, dando ao tempo um lugar mais eminente, não se pode dizer como E. Soja, que na fase histórica atual, essa vantagem passa ao espaço? Assim, compreender o espaço e a especialidade, é nos dotar de meios de apreensão do mundo tal como ele é.